

ROCHA, Maurilio Andrade. **Musicalidade e espetacularidade no Duelo de MC's**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado; Bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Portugal.

RESUMO

Este trabalho relata o estudo etnográfico sobre o *Duelo de MC's*, realizado nas noites de sexta feira, desde 2007, sob o viaduto de Santa Tereza, na cidade de Belo Horizonte, Brasil. O evento reúne a cada semana um público de cerca de 1500 pessoas em torno de manifestações da cultura *Hip Hop*. Na atração principal da noite, quatro duplas de MC's duelam em *rounds* de um minuto. O público presente, formado principalmente por jovens de diversas camadas sociais, escolhe os vencedores através de gritos e palmas. Fora do palco, o evento é marcado por conflitos entre os organizadores e o poder público, mas a plateia se diverte calorosa e pacificamente. No palco, os duelos são marcados por *Raps* improvisados, recheados de expressões de violência. Ao final de cada duelo os MCs se cumprimentam, deixando claro que ali a violência se circunscreve apenas ao jogo de palavras. O Duelo de MC's é uma prática espetacular onde a convivência humana se faz rica em diversidade, conflitos e contradições. Onde a música e a performance dos duelistas nos permitem interpretar o cotidiano da cidade, marcado pela desigualdade social e pela busca de afirmação de identidades através de manifestações culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Duelo de MC's; Conflito; Identidade.

ABSTRACT

This paper reports an ethnographic study on *MC's Duel*, held on the evenings of Friday, since 2007, under the overpass of Santa Tereza, in the city of Belo Horizonte, Brazil. The event brings together every week an audience of about 1500 people around manifestations of Hip Hop culture. The main attraction of the night, four double MC's duel rounds in a minute. The audience, comprised mostly of young people from different social strata, chooses the winners through shouting and clapping. Offstage, the event is marked by conflicts between the organizers and the government, but the audience has fun warm and peacefully. On stage, the duels are marked by improvised raps, filled with expressions of violence. At the end of each duel MCs greet, making it clear that there violence is confined only to the set of words. The MC's Duel is a spectacular practice where living together becomes rich in diversity, conflicts and contradictions. Where the music and the performance of duelists allow us to interpret the life of the city, marked by social inequality and the search for affirmation of identities through cultural manifestations.

KEYWORDS: MC's Duel; Conflict; Identity.

A violência urbana no Brasil tem sua origem, em grande medida, na progressiva segregação sócio-espacial, gerada pela discriminação racial

sistemática verificada nos centros urbanos após a abolição da escravidão no país. Originando-se como espaço de resistência à ordem vigente, alguns quilombos foram aos poucos se tornando opção de moradia para negros libertos, criando-se núcleos de aglomerações populacionais que passaram a ser conhecidos como favelas. A expansão dos núcleos favelados nos centros urbanos brasileiros culminou na transformação de tais espaços em territórios com altos índices de criminalidade, como resultado da ausência crônica de políticas públicas específicas, dos frequentes períodos de estagnação econômica e da ascensão do tráfico de drogas à varejo como opção de sobrevivência financeira de parte da população ali residente. O agravamento da distância social entre as populações faveladas e as classes médias brasileiras, verificado especialmente a partir da década de 1970 em decorrência do gigantesco endividamento externo, contribuiu para a elevação progressiva do quadro de violência no país, até chegar ao panorama atual de guerras entre grupos rivais de traficantes e de entrincheiramento das classes médias em residências cercadas por grades, muros altos e cercas elétricas (Campos, 2007; Valla, Stotz e Algebaile, 2005; Carril, 2006; Silva e Barbosa, 2005).

Tais modificações parecem ter exercido um sensível impacto sobre a canção popular no Brasil. Uma breve audição de canções urbanas brasileiras compostas e veiculadas nesse contexto e inspiradas especialmente nos gêneros expressivos funk e no *rap*, produzidas a partir das décadas de 1980-1990, e que abordem situações de violência advindas da pobreza e da exclusão social, nos revela marcantes alterações daquelas compostas na primeira metade do século XX, período de consolidação da canção popular urbana reconhecida como brasileira. Várias canções populares criadas entre as décadas de 1920 a 1950 apresentam uma abordagem estilizada e frequentemente idealizada da pobreza, além da utilização de recursos amenizadores de situações de violência.

No final dos anos 1950, a vertente nacionalista na Bossa Nova buscava a afirmação de uma cultura nacional, mais identificada com a tradição do samba. Era portanto, um engajamento político de direcionamento essencialmente estético.

As canções de protesto surgidas após o golpe militar de 1964 levantavam-se mais contra a opressão política do que contra as questões de desigualdade social. De qualquer forma, as principais vozes da canção engajada desse período vinham dos estratos médios da população, que teriam formação musical sólida e uma relação com formas reconhecidas como tradicionais e autênticas da música popular no Brasil, especialmente o choro e o samba. Os compositores da classe média falavam pelos excluídos, a partir de sua própria formação cultural e de suas referências musicais. Assim, a voz dos excluídos presente nas canções populares do período ditatorial de 1964 a 1984 e que alcançaram repercussão junto ao público, além de pouco frequente, parecia deslocada quanto ao lugar de enunciação. Provinha de interlocutores que elaboravam seu discurso mais a partir da alteridade do que da vivência da pobreza e da exclusão social propriamente dita (Napolitano, 2001).

Hip Hop e resistência em BH

Com o fim do regime militar em 1984, a progressiva abertura política e o gradual arrefecimento da censura foram cedendo espaços para que a pobreza e a exclusão social passassem a ser enunciadas como assuntos centrais em várias canções. A diferença é que desta vez tal enunciação vinha principalmente das vozes dos próprios excluídos. Isso tornou-se especialmente marcante quando os compositores passam a se utilizar dos gêneros *rap* e *funk*, explorando seu caráter de contestação e ruptura com a *mística da integração subordinada* dos pobres em relação às classes mais favorecidas economicamente (Palombini, 2009). No caso do rap, a música dos *Racionais MC's* é o exemplo mais emblemático.

O Hip Hop é um movimento cultural que envolve manifestações expressivas como a música e poesia (*rap*), a dança de rua e o grafite. Surgido nos subúrbios de Nova Iorque no início da década de 1970, o movimento se espalhou por diversas partes do mundo. No Brasil, o *rap* esteve por muito tempo associado ao *funk* e sofreu, como ele, um processo de demonização e criminalização por parte da imprensa e pela classe média. A veiculação em forma de espetáculo pelas mídias dos arrastões nas praias cariocas na década de 1990, encontrou rapidamente sua trilha sonora. O *funk* e o *rap*, expressões de negros ou pobres da periferia, foram imediatamente associados à violência e à criminalidade. Além disso, a percepção geral sobre o Hip Hop no Brasil esteve por muito tempo estreitamente associada ao Hip Hop norte-americano, especialmente à vertente *gangsta* e suas ligações às gangues, às drogas e à criminalidade (Herschmann, 2005).

É dentro de todo esse contexto que nos interessamos pelo *Duelo de MC's*, evento realizado desde 2007, com a maioria das edições ocorrendo nas noites de sexta-feira sob o viaduto de Santa Tereza, região central da cidade de Belo Horizonte. O evento já chegou a reunir públicos de cerca de 4.000 pessoas em torno de manifestações da cultura *Hip Hop* como *grafitti*, dança de rua e discotecagem.

O ponto principal da noite é o duelo entre MC's que apresenta o seguinte formato. Oito MC's participam do duelo a cada noite, sendo a disputa feita em eliminatórias, semifinal e final. Em cada etapa, cada MC ataca e se defende dos ataques, em *rounds* de cerca de um minuto. Cabe ao público presente escolher os vencedores através de gritos e palmas.

O Duelo de MC's é um evento pleno de contradições. No palco, os duelos são marcados por *Raps* improvisados, recheados de expressões de violência. Ao final de cada duelo os MC's se cumprimentam, deixando claro que ali a violência se circunscreve apenas ao jogo de palavras. Invariavelmente, as letras improvisadas dos *Raps* se apresentam como cartografias poéticas da periferia de Belo Horizonte, e por extensão, das periferias das grandes cidades brasileiras. Os improvisos sempre trazem depoimentos das situações de

exclusão, invisibilidade e marginalidade dos jovens da periferia da cidade, independente de qual seja a temática escolhida para o duelo.

Fora do palco, o evento é marcado por conflitos políticos e policiais entre os organizadores e o poder público, mas a plateia se diverte calorosa e, de maneira geral, pacificamente. A Prefeitura da cidade, em acordo com a Polícia Militar de Minas Gerais, buscou a suspensão do Duelo de MC's ou pelo menos sua transferência para um local fechado e longe do centro da cidade. Diversas manifestações favoráveis à manutenção do evento em seu local de origem foram publicadas pelos organizadores do evento nas mídias sociais, por membros de partidos políticos e de diversas camadas da sociedade.

Seguindo a mesma trilha do movimento Hip Hop no Brasil, o Duelo não fez uso da mídia convencional para chegar ao reconhecimento local e, depois, ao nacional. A divulgação boca-a-boca é a mais efetiva, associada às mídias sociais como *twitter* e *facebook*. Foi dessa maneira que o Duelo completou 7 anos em agosto de 2014. Hoje, o Duelo é um dos eventos mais interessantes da cidade ao proporcionar, em um espaço público e aberto, uma possibilidade de entretenimento e produção/fruição artística gratuita. O reconhecimento do evento como manifestação artística legítima tem crescido gradualmente através dos convites aos organizadores para participações em vários dos mais importantes festivais da cidade como, Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte, Festival de Arte de Negra de Belo Horizonte, Verão Arte Contemporânea e o FIMPRO-Festival Internacional de Improvisação. A presença dos organizadores do Duelo em eventos acadêmicos como festivais culturais e seminários também demonstra o crescente interesse que o evento tem despertado nos debates sobre ocupação dos espaços públicos e sobre a juventude em Belo Horizonte.

O Duelo de MC's é uma prática espetacular onde a convivência humana se faz rica em diversidade, conflitos e contradições. Os jovens de diversas camadas sociais que se encontram em torno do evento, encontram um espaço de diversão, exibição, conexão, autoafirmação, e confraternização. Encontram também um espaço de protesto contra a segregação social causada pela pobreza. Ali, na praça ou sob o viaduto, pulsa uma vida social experimentada e tornada significativa através da (Feld, 2003) da performance dos duelistas e do público, que nos permitem interpretar o cotidiano da cidade, marcado pela desigualdade social e pela busca de afirmação de identidades através de manifestações culturais. Ao possibilitar vozes periféricas falarem e cantarem, o Duelo canta a história da cidade por outras vozes, outras línguas, outras narrativas, ampliando assim o ambiente sonoro da capital mineira.

Referências

CAMPOS, A. *Do quilombo à favela. A produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARRIL, L. *Quilombo, favela e periferia. A longa busca da cidadania*. São Paulo: Annablume, 2006.

FELD, S. A Rainforest Acoustemology. In *The Auditory Culture Reader*, Michael Bull e Les Back, Eds., 223-240. Oxford, New York: Berg, 2003.

HERSCHMANN, M. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

NAPOLITANO, M. Seguindo a canção. Engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Editora Annablume. 2010.

PALOMBINI, C. Soul brasileiro e funk carioca. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 37-61, jun. 2009.

SILVA, J.S.; BARBOSA, J.L. *Favela. Alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

VALLA, V. V.; STOTZ, E. N.; ALGEBAILLE, E. B. *Para compreender a pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto. 2005.